

— Não bastasse isso e, quando chegam aqui, ainda querem mudar o que Deus criou! Adoram dar pitacos e sentem-se os donos do pedaço.

— Donos do pedaço! Expressão humana que cabe bem na história de Selena.

— A senhora estudou a ficha com mais atenção... Teremos uma incisão anímica?

— Não há outra saída. Dentro de vinte e quatro horas, faremos uma varredura no inconsciente.

— E quando a senhora acha que Marcondes e Selena poderão saber da história?

— Na hora certa acontecerá, Inácio!

— O destino enlaçando almas até no plano espiritual... Quem diria! Mais uma para aqueles que julgam ter a “chave do céu”! Se a reencarnação é palco de laços de afeto e desafeto, a imortalidade é o camarim onde os homens carnis se despem das fantasias das ilusões para que se olhem como devem no espelho da realidade.

— Uai! – disse Dona Modesta como uma típica mineira – virou poeta, Inácio?...

— Não, Dona Modesta! Foi apenas uma crise psiquiátrica...

O bom humor permanente, a despeito do cansaço, não roubava nunca daqueles dois a chance de debocharem das mais sérias e profundas questões da vida. Essa característica pertinente a ambos era-lhes medicação e refazimento.

— Vamos descansar, Inácio, pois afinal de contas...

— Afinal de contas, temos horário para cumprir e a quem dar satisfações amanhã bem cedo.

13

Técnica Anímica

“A lembrança da existência corporal se apresenta ao Espírito completa e inopinadamente após a morte?”

“Não, vem-lhe pouco a pouco, qual imagem que surge gradualmente de uma névoa, à medida que nela fixa ele a sua atenção.”

O Livro dos Espíritos, questão 305.

A paciente estava há mais de vinte horas neste estado de coma mental. Monitorada por avançada tecnologia, seu quadro inspirava cuidado especial. Seu diagnóstico era delicado, uma fixação mnemônica em vivência pretérita. Selena guardava vínculos estreitos com Angélica (Elise Pyrré), dirigente encarnada que lhe substituiu nas tarefas e que fora sua filha. Sentimentos hostis tomavam conta de seu campo emocional à maneira de virulenta patologia cardíaca. Aliás, essa era a matriz da cardiopatia prolongada que a despejou do corpo físico. A utilização de técnicas anímicas de regressão poderia surtir efeitos positivos. Dona Modesta guardava larga experiência no tema. Utilizando-se de seus recursos mediúnicos, far-se-ia intermediária do corpo mental de Selena, a fim de serem executadas delicadas cirurgias. Passado o efeito das medicações sedativas, ela apresentava sinais vitais estáveis e pouca lucidez mental. Fizemos a oração junto à

enfermeira Rosângela, a médium, Doutor Inácio e dois especialistas em neurocirurgia. Dona Modesta postou-se ao lado da cama, em transe profundo.

— Selena, pode me ouvir? – indagou Doutor Inácio dirigindo-se à médium.

— *Bonsoir merci!*

— Essa não é mais sua língua. Você está no Brasil, Selena!

— Eu não sou... Selena – disse ofegante como se acordasse de uma só vez e com os olhos esbugalhados – eu não sou Selena! Selena não existe! É uma réplica infeliz...

Enquanto isso o corpo espiritual de Selena na cama contorcia-se e suava abundantemente.

— Qual seu nome?

— Condessa Pyrré, descendente da família De Guise.

— A condessa já reencarnou como Selena.

— Não! Selena é uma réplica de mim. Jamais existiu ou existirá. Elise está a meu lado e me ama... Há, há, há!... Ela me ama... Querem chamá-la de Angélica! Isso é obra de Catarina, a malvada dos Médicis...

— Engano seu, Selena. Elise hoje é Angélica. Está na carne. Nada tem a ver com Catarina.

— Catarina é a encarnação do mal na humanidade.

— Que ela lhe fez de tão mal?

— Envenenou o coração de seu filho para roubar-me Elise.

— Terá ela algum motivo?

— Nenhum...

— Não minta, minha filha. Aqui é o país da Verdade.

— Ela é vingativa.

— Por quê?

— Seu esposo me amava. Fui uma concubina sem intenções para tal... Catarina está aqui?

— Não.

— Mas eu sinto como se estivesse.

— Não, engano seu. Procure acalmar. Ela não está aqui. Estamos em outro tempo, Selena.

— Selena não existe...

— Então vamos ver se não existe. Observe seus pais, Selena. Volte à idade de dez anos. Veja aquela caixa de presentes que lhe foi dada por seu avô Totonho. Viu?

— Sim. Eu me lembro. Meu presente preferido. Vovô Totonho... Onde está?

— Lembra como conheceu o Espiritismo? Pequenininha ainda... Qual o seu nome?

— Não sei... Talvez seja...

— Selena. Repita comigo: Selena, Selena, Selena.

— Selena...

— Isso. Esta é sua identidade atual.

Nessa altura, os especialistas aproximaram-se e colocaram na cabeça de Selena uma touca que irradiava ondas de intenso magnetismo, provenientes de um fino ducto a ela interligado. Dona Modesta sentia, na mesma região, uma ardente onda de calor. Após alguns segundos, podia-se ver nitidamente, saindo dos lóbulos frontais da médium, uma massa gelatinosa purulenta de cor amarela. Fenômeno parecido com a emanção de ectoplasma. Uma grande gota do lado esquerdo, outra do direito. A matéria escorria pela face, e Doutor Inácio a examinava em silêncio. Depois de alguns minutos, nova dose daquela gosma escorria com mais intensidade, desta vez, exalando um desagradável odor. Rosângela prontificou-se a recolher o material cuidadosamente em pequenos chumaços de algodão. Por onde escorria o líquido, notava-se na face da médium, como se estivesse queimada a pele. Marcas visíveis de uma oxidação. Selena apresentou imediata alteração no seu quadro. Seu batimento cardíaco, sempre lento, passou a pulsar em ritmo normal. Foi então que Doutor Inácio chamou a atenção da

enfermeira para o seio esquerdo da médium, totalmente empapado na mesma substância. Rosângela, com carinho e respeito, abriu-lhe a roupa e passou ao asseio necessário. A médium permanecia em total inconsciência. A operação chegou ao fim.

— Modesta pode me ouvir?

— Sim, Inácio... Regresso lentamente... O fio foi cortado. Angélica está livre.

— Graças ao bom Pai.

— Como está Selena? – perguntou Dona Modesta ainda de olhos fechados.

— Todos os seus sinais são alvissareiros. Ela dorme como uma criança.

— Solte as amarras dos braços e pernas.

Mesmo ainda recobrando a lucidez, a médium preocupava-se com a paciente esquecendo-se de si.

Terminada a técnica, passamos a outras atividades da rotina. Dona Modesta deixou um recado para Selena. No dia seguinte, viria visitá-la para os esclarecimentos necessários. Passadas duas horas exatas, a paciente recobrou a consciência. Teve fome e pediu de comer. Cuidou do asseio e, já refeita, conquanto fraca, iniciou uma amizade com a enfermeira.

— Qual o seu nome?

— Rosângela. Sou enfermeira nesta ala restrita.

— Estou na ala restrita?

— Sim. Você passou por um quadro que exigiu cuidado.

— Não foi você quem cuidou do Marcondes quando esteve aqui?

— Isso mesmo! Vejo que começa a se recordar dos fatos. Fico feliz!

— Que tipo de tratamento foi o meu, Rosângela?

— A senhora estava com “pinças pretéritas”. São pontos emocionais de ligação com o passado muito intensos e crônicos. A senhora se lembra de algo?

— Alguns nomes estão como um eco na minha mente... Elise... Pyrré... Tenho a impressão de já ter ouvido esse nome aqui mesmo no Hospital...

— Ouviu!

— Ouvi?

— Lembra de Eulália?

— A... a amiga de Marcondes?

— Ela mesma! Eulália foi Isabelle Pyrré.

— Sim, é isso mesmo... Agora me lembro melhor! Mas e Elise?... Há alguém com esse nome ou?...

— Tem. Elise foi irmã de Isabelle.

— Os nomes me causam um desejo de chorar Rosângela... Que acontece comigo?

Ela caiu em pranto sentido.

— São recordações, Selena. Logo você entenderá! Procure se acalmar e refazer seu estado. Dona Modesta estará aqui amanhã e lhe responderá. Quanto ao choro, não segure, deixe fluir, minha amiga!

A noite passou célere para Selena, afogada em muitas lembranças da oportunidade carnal recém-finda. Com muito custo conseguiu adormecer e repousar. Na manhã seguinte, tinha outra disposição. Estava mais animada e alegre. Desejou sair do leito. Rosângela a conteve, pedindo aguardar a visita de Dona Maria Modesto.

Não passava de sete horas e trinta minutos, quando ela chegou elegantemente vestida.